

Do Barroco Mineiro ao Contemporâneo Barraco - ensaio

*Prof. Dr. Gilberto Felisberto Vasconcellos**

Crítica a obra O Barroco Mineiro do Prof. Dr. Joel Neves

Idéias filosóficas no Barroco mineiro, e não idéias filosóficas do Barroco mineiro - eis o título desse notável ensaio do professor Joel Neves, que prova que no Brasil a Filosofia pode também aparecer com os filósofos, sobretudo os filósofos dotados de sensibilidade estética que reconhecem o valor cognitivo da obra de arte. Mas não basta tal reconhecimento; é preciso que o filósofo não tenha prurido de filosofar na deliciosa língua de Camões, esse mouro maluco indispensável. Enfim, nada mais esdrúxulo do que a existência de um filósofo colonizado, esteja onde ele estiver:

No antigo camarote dos transatlânticos ou na episteme Frishopostudo Moderna.

Filósofo escritor, Joel Neves não condena aquilo que é obscuro na expressão, embora escreva num estilo claro, simples, avesso aos ornatos da picaretagem Filosófica. Nonada.

Ele cita o poeta Murilo Mendes from Juiz de Fora:

*"Preciso conhecer meu sistema de artérias e até que ponto me sinto limitado...
Preciso conhecer os porões de minha miséria".*

É mais do que o preocupar-se com os limites, assim como o múltiplo e contraditório barroco não traduz apenas negatividade, ou volúpia pela condição existencial derrelicta, e sim um momento de afirmação e positividade. "Talvez a Minas Barroca - escreve Joel Neves - tenha redimensionado o conceito de horizonte. Horizonte não é mais o que limita, o que circunda, mas aquele cerco que pede ir além".

Minas barroca não significa apenas o primado de uma visualidade que não foi gerada com discurso europeu ocidental, pois o barroco de Minas subverte a própria seqüência temporal da história. Em pleno século XVIII, o barroco mineiro consegue a proeza de escapar da dialética do iluminismo.

Um Brasil barroco mais do que um Brasil da Lumières. Joel Neves alude à "singela e bela anarquia cultural do mineiro", anarquia tanto diante da mais valia colonial,

* Gilberto Felisberto Vasconcelos é um Colaborador do site Psicanálise e Barroco.

quanto diante dos laços libidinalmente oficiosos e papai e mamãe entre Casa Grande e Senzala.

A originalidade das Minas resulta dessa originalidade no campo do imaginário. Sob esse ângulo, o barroco - além de determinado estilo - é um comportamento, uma mentalidade, uma magia. Tanto isso é verdade que a sociologia da contextualidade não o explica, embora a URBIS em Minas tenha sido a primeira experiência entre nós que não se encaixa inteiramente na dialética hegeliana do senhor e escravo.

Em suas reflexões filosóficas sobre o ethos mineiro, Joel Neves se vale da palavra "dúbio" várias vezes. "O psiquismo mineiro, refletido no comportamento, era um psiquismo dividido, dúbio, para além da ambigüidade".

Claro-escuro-caboclo-barroco-do-sol. Quase de boca na biomassa do meu amigo J.W. Bautista Vidal. Nessa enumeração seria o caso até de recorrer ao neologismo "tribio" bolado por Gilberto Freyre. Tempo tribio.

O tempo jangada que, segundo Luís da Câmara Cascudo, amarra "três traves atadas entre si", portanto o fundamento etnológico da nossa Mis-en-scène triangular, acrescida posteriormente das vozes emigrantes.

A rica e contraditória sensibilidade barroca que navega por Minas abole a contradição, e isso não é sentido como mera vocação ao paradoxo, esse tropo que faz a glória e a sensibilidade da professora Denise Maurano, viajando entre Lacan e o happy hour de Aleijadinho.

Segundo Joel Neves "o cruzamento de raças vem alimentar o temperamento e ações dúbias, adensando o conflito psicológico. A arte é a instância onde este antagonismo vai aflorar, numa simultaneidade de simplicidade e requinte, triunfalismo e comedimento, erudição e rusticidade. O barroco é a instância onde o conflito "toma forma", e, portanto se dissolve enquanto conflito".

Não há exagero em afirmar, parodiando Joel Neves, que o direito de ser barroco funda a Minas Ludens. "O interesse atual, contemporâneo sobre o barroco mineiro é mais que interesse em torno do passado". O balé dos profetas no adro de Congonhas não é só para os olhos, é também para ser ouvido. Lá onde ver é ouvir, como diria o barroco genial do Padre Antônio Vieira.

O que é que os doze profetas de Aleijadinho estão falando? Faz sentido perguntar que vozes são essas, pois trata-se de uma hagiografia plástico-acústica-iconográfica em movimento. No espaço cênico-musical-teatral-arquitetônico de Congonhas estão contidas todas as artes numa verdadeira sinestesia cósmica. A deformação anatômica da estatuária em Aleijadinho ganha uma interpretação do ponto de vista estético, fundindo erudito e popular, experiência profana e religiosa. Sincretismo or not sincretismo, that's the question.

Escreve Joel Neves:

"Um profeta é pesadamente humano, violento e dúbio. Dúbio, torto, "gauche" porque transgressivo da normalidade média, embora se dirija e viva para a média. Como tal, um profeta não corresponde perfeitamente à "anatomia" do homem comum. Não há, portanto, que se exigir anatomia renascentista em Congonhas".

O gênio de Aleijadinho não aceita a separação renascentista entre intelectual e povo. Síntese do erudito e do popular, Aleijadinho é folclore que nem Dante Alighieri. Escreve Joel Neves:

"Não há diálogo. Falam de ninguém. Nem mesmo falam, afirmam-se. Lêem e apontam para o nada".

O logos de Aleijadinho é a "Filosofia não escrita". A grande originalidade da sua pedra sabão, segundo Joel Neves, traz a "recusa às razões condutoras da história, é antes de tudo um ato de revolta". Revolta do cronos sem clio? Do tempo folk sem história? Seja qual for a resposta, o belo livro de Joel Neves não deixa de passar um bom pito, ainda que sutil e velado, na mediocridade cultural do Brasil contemporâneo, recheado de barracos dançando o tcham-bum-bum, e quase que sem nenhuma criação barroca.

Um aspecto que me chamou atenção na abordagem filosófica do adro de Congonhas foi o espanto de Joel Neves diante da posição individual de cada profeta na unidade do conjunto.

"Atormenta-me a ordenação espacial. Cada escultura está "no seu lugar", pesada, firme, independente, auto-centrada. O que me atormenta a vista é este quase sentimento de isolamento corporal das estátuas. Beira a individualização solipsista, embora seja óbvia a integração de cada figura a um conjunto".

Cada profeta será inseparável e distinto como Cosme e Damião? Ou cada profeta não ouve o que o outro diz? Digno de nota que Baruch, aquele que prediz a vinda de Cristo, dentre os 12 profetas represente - segundo Joel Neves - "o próprio ser da dubiedade". E, como tal, o cerne talvez da mentalidade do homem mineiro barroco.